

PARENTESCO EM GREGO ANTIGO: UM ESTUDO DE TERMOS PARA “GENRO”, “CUNHADO” E “SOGRO”¹

Johnny Dotta

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4284-4354>

johnnydotta@usp.br

RESUMO

Dois termos de parentesco por afinidade na língua grega, *gambrós* (originalmente “marido da filha” e “marido da irmã”) e *pentherós* (originalmente “pai da esposa”), apresentam dificuldades quanto à semântica. A discussão sobre seus antecedentes no protoindo-europeu permanece aberta e, internamente ao grego, os termos possuem grande variedade de sentido nos períodos arcaico e clássico. Tendo isso em vista, este artigo busca descrever a história de sua evolução semântica do século VIII ao IV a.C., bem como indicar fatores que podem ter influenciado esse desenvolvimento. Depois de discutir como se deu a transição desses termos do protoindo-europeu ao grego e examinar todas as suas ocorrências nos períodos arcaico e clássico com o fim de identificar *ego* e referente em cada caso, o resultado final é uma sistematização mais precisa da distribuição dos significados de *gambrós* e *pentherós*, levando em conta diacronia, autores e gêneros literários. Essa sistematização aponta para diferentes evoluções diacrônicas, as quais levam a variações dentro das mesmas sincronias.

Palavras-chave: Parentesco; afinidade; terminologia; língua grega; protoindo-europeu.

ABSTRACT

Two affinal kinship terms in the Greek language, *gambrós* (originally “daughter’s husband” and “sister’s husband”) and *pentherós* (originally “wife’s father”), present difficulties in their semantics. The discussion about their antecedents in Proto-Indo-European is still open and, internally to Greek, these terms show a great variety of meaning in the Archaic and Classical periods. In light of that, this article seeks to describe the history of their semantic evolution from the 8th to the 4th century BC, as well as to indicate factors that could have influenced this development. After discussing how these terms evolved from Proto-Indo-European to Greek and after examining all of their occurrences in the Archaic and Classical periods in order to identify *ego* and referent in each case, the final result is a more accurate systematization of *gambrós*’ and *pentherós*’ meanings, taking into account diachrony, authors and literary genres.

¹ Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo nº 2020/03249-3) pela bolsa que possibilitou a pesquisa da qual este artigo resultou.

This systematization points to different diachronic evolutions, which lead to variations inside the same synchronies.

Keywords: Kinship; affinity; terminology; Greek language; Proto-Indo-European.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa à investigação de dois termos de parentesco em grego antigo, *gambrós* e *pentherós*, com o objetivo de traçar sua evolução semântica entre os séculos VIII e IV a.C., levando em conta os fatores pragmáticos envolvidos em seu uso. Ambos os termos designam relações de parentesco por afinidade – estabelecido por meio do casamento –, e os seus significados variam ao longo do período mencionado. Suas acepções mais antigas, atestadas com clareza em Homero, são as de “marido da filha” (genro) e “marido da irmã” (cunhado) para *gambrós*, e “pai da esposa” (sogro) para *pentherós*. Originalmente, dizem respeito, pois, ao vínculo mútuo entre um homem e a família de sua esposa.

Esses laços estabelecidos pelo homem a partir do casamento merecem atenção especial pelo fato de sua importância no contexto indo-europeu ter sido negada em trabalhos anteriores. Não é possível, por exemplo, reconstruir com facilidade os termos do protoindo-europeu (doravante, PIE) que designavam os parentes afins de um *ego*² masculino, o que contrasta com os diversos termos de afinidade que se podem reconstruir para um *ego* feminino.³ Isso foi associado por pesquisadores como Galton (1957, p. 132) a uma ligação tênue entre marido e parentes consanguíneos da esposa, uma vez que esta deixava sua casa e passava a morar com seu cônjuge depois do casamento. Contudo, essa suposta tenuidade é posteriormente questionada, entre outros, por Hettrich (1985), autor que, com argumentos linguísticos⁴ e antropológicos, mostra que a relação mencionada não é fraca como se pensava.

² Em consonância com trabalhos anteriores, daqui em diante será chamada *ego* a pessoa a partir da qual as relações de parentesco são estabelecidas. Por sua vez, serão denominadas *referentes* as pessoas que ocupam determinadas posições na árvore genealógica de *ego* e, assim, são referidas por meio de um termo de parentesco. Cabe aqui um exemplo para clarificação: Heitor é filho de Príamo e marido de Andrômaca; logo, se Heitor for tomado como *ego*, Príamo será o referente do termo “pai” e Andrômaca, o referente do termo “esposa”.

³ Os termos em questão são **deh₂i-uer-* ‘irmão do marido’, **g^hlH-ou-s* ‘irmã do marido’ e **(H)ienh₂-ter-* ‘esposa do irmão do marido’ – segundo as reconstruções de Beekes (2010) –, que, em grego, resultaram, respectivamente, em *daḗr*, *gáloōs* e *einátēres*, com os mesmos significados. Esses termos em grego, apesar de interessantes do ponto de vista diacrônico, possuem pouquíssimas ocorrências, praticamente restritas a Homero.

⁴ Um desses argumentos, relativo ao termo em PIE para “sogro”, será discutido mais adiante.

Dessa maneira, uma pesquisa a respeito dos termos de parentesco por afinidade de um *ego* masculino em uma das línguas que descendem do PIE – o grego – se justifica por dar continuidade a uma perspectiva que traz à tona a importância desse vínculo, já reconhecida em trabalhos mais recentes, como o de Olsen (2019, p. 160). Essa investigação pode render resultados interessantes dos pontos de vista linguístico e literário: linguístico, porque se debruça sobre os sentidos e usos de duas palavras da língua grega, *gambrós* e *pentherós*, até aqui pouco trabalhadas; literário, porque busca depreender os fatores envolvidos na utilização desses termos em diversos autores dos séculos VIII a IV a.C. – períodos arcaico e clássico.

Para cumprir esses objetivos, este artigo fará o seguinte percurso. A próxima seção será dedicada à investigação etimológica de *gambrós* e *pentherós*, de modo a buscar depreender o significado original desses termos, bem como traçar uma breve história deles, do PIE ao grego. A seguir, passar-se-á à análise dos sentidos desses termos em todas as atestações no intervalo de tempo mencionado, destrinchando a distribuição desses significados a partir de critérios cronológicos e genéricos. Ao fim dessas etapas, o resultado será uma descrição semântica detalhada de *gambrós* e *pentherós*, tanto em sua diacronia quanto em diferentes sincronias, e a indicação de fatores pragmáticos que influenciam seus usos.

2. ORIGEM E TRANSIÇÃO DO PIE AO GREGO

Tratando primeiramente de *gambrós*, já são destacadas por Friedrich (1966, p. 13-15) as dificuldades que envolvem os antecedentes desse termo em PIE, tanto formais quanto semânticas. As formais são tratadas com mais detalhe por Viredaz (2002), cujas conclusões, no entanto, não esgotam a discussão. Quanto à semântica do termo, as considerações de Friedrich são fortemente baseadas na possibilidade de que o PIE possuísse um sistema de parentesco do tipo Omaha III, hipótese posteriormente rejeitada por Hettrich (1985, p. 459-60). Assim, vale a pena reunir hipóteses já aventadas, já que não há um consenso nem quanto à reconstrução do termo em PIE do qual ele descende, nem quanto à sua etimologia. Viredaz (2002, p. 177) propõe como reconstrução **gēme/or-*, de formação obscura; Beekes (2010, p. 259), **gēm-ro-*; Hettrich (1985, p. 480 n.73) o reconstrói como **gēmHros*, forma próxima à sugerida por Wodtko *et al.* (2008, p. 136), **gēmH-(e)r-o-*, de uma raiz **gēmH-* ‘casar’. Entretanto, o próprio léxico dá a raiz como duvidosa, e ela não consta em Rix (2001), que, em índice ao final, lista *gambrós* como vindo da raiz **gem-* ‘pressionar, apertar’. Tendo em vista todas essas hipóteses, o melhor parece

ser declarar a etimologia de *gambrós* como inconclusiva.⁵ Essa discussão, no entanto, não é improdutiva: a inconclusividade não impede que a palavra da qual *gambrós* descende já fosse um termo de parentesco em PIE, tendo em vista que, para a maioria deles, não temos uma etimologia satisfatória.

Em um ponto, ao menos, há concordância entre os pesquisadores: Chantraine (1999, p. 209), Beekes (2010, p. 259) e Frisk (1960, p. 287) concordam que, em grego, *gambrós* passou a ser associado a *gaméō* ‘casar’. Provavelmente, trata-se de um caso de etimologia popular, como se pode verificar em um composto existente no *Agamêmnon* (v. 686), de Êsquilo: *dorígambros* ‘cujo casamento causa guerra’. Independentemente da discussão sobre o seu significado específico na tragédia em questão, tanto Fraenkel (1950, p. 330) quanto Medda (2017, p. 396) afirmam que o sentido de *gámos* ‘casamento’ é necessário para entender esse composto. Assim, uma possibilidade é que *gambrós* tenha sido reanalisado como formação em *-ro-* construída sobre uma raiz *gam-*, em conformidade com a análise de Chantraine (1933, p. 222) e Risch (1974, p. 70). Sobre o sufixo *-ro-*, Chantraine (1933, p. 221-23) afirma que “em grego, esse sufixo não foi verdadeiramente produtivo” e que “mesmo quando as palavras podem ser analisadas do ponto de vista grego, não podemos observar um sistema de derivação coerente e produtivo”.⁶ Essa improdutividade pode ter sido um fator que contribuiu para a etimologia popular – um sufixo produtivo e/ou com significado mais delimitado poderia ter evitado a interpretação errônea por parte dos gregos – e, portanto, é um argumento a favor dessa ideia.

Provavelmente, um objetivo mais concreto nesse caso é estabelecer uma hipótese de como *gambrós* adquiriu os significados mais antigos que ele possui em grego: “marido da filha” e “marido da irmã”, ambos em Homero. Tais acepções não são necessariamente distintas, como mostra o *L(exikon des) f(rüh) gr(iechischen) E(pos)*, que define o termo como “um homem ligado a uma família por meio de seu casamento” (*s.v. gambrós*). O mesmo léxico propõe uma oposição entre *gambrós* e *pentherós*, que pode ser parafraseada da seguinte maneira: tomando uma mulher como intermediária da relação, seu marido seria *gambrós* de seus parentes consanguíneos, e seus parentes consanguíneos seriam *pentherói* de seu marido. Assim, uma hipótese mencionada no *LfgrE* é de que *pentherós* poderia designar tanto o “pai da esposa” quanto o “irmão da esposa”, apesar de só o primeiro desses sentidos ser certo em Homero. Não há como discernir o quão abrangentes seriam seus usos, mas não seria de admirar

⁵ Há outras propostas para a etimologia do termo, todas, no entanto, insatisfatórias; para uma visão geral a respeito e a refutação das propostas aventadas, cf. Viredaz (2002, p. 175-76).

⁶ A menos que se indique o contrário, as traduções de trechos em língua estrangeira são nossas.

que eles se restringissem às relações genro-sogro e cunhado-cunhado, pois só elas já cobrem os homens da família nuclear da esposa.

Outro significado arcaico de *gambrós* que não pode ser ignorado é o de “noivo”. Contudo, causa estranheza que esse sentido seja restrito a Safo,⁷ com destaque para um gênero específico: o epitalâmio. Talvez “noivo” também não seja um significado independente, mas antes uma variação do sentido de “homem casado com uma mulher da família de *ego*”, afinal, no momento do casamento, esse homem é o noivo. Portanto, o uso de *gambrós* em Safo é mais um argumento a favor do significado apresentado no *LfgreE*.⁸

A etimologia de *pentherós*, por sua vez, é mais clara: Chantraine (1999, p. 881), Beekes (2010, p. 1171) e Frisk (1970, p. 540) apontam para uma raiz **bʰendʰ-* ‘ligar, unir’. Dessa maneira, parece seguro aceitar, tal como Chantraine (1999, p. 881) e Beekes (2010, p. 1172) propõem, “aliado” como significado original de **bʰendʰ-er-o-*, do qual *pentherós* provém. Frisk (1970, p. 540) e Beekes (2010, p. 1171) também afirmam que a palavra reconstruída já seria um termo de parentesco, o que é possível, caso se considere que a referência seja ao campo semântico do parentesco, e não à designação de um parente específico. Uma evidência disso são os cognatos védico *bándhu-* ‘parente; parentesco’⁹ e lituano *beñdras* ‘participante, companheiro’. No entanto, a comparação, ao revelar que houve uma delimitação do significado desse termo em grego – de “parente” para “sogro” –, conduz naturalmente à questão do nome para o “pai da esposa” na protolíngua.

O termo de parentesco por afinidade em PIE envolvido nessa discussão é **suekūro-* ‘sogro’. Alguns estudiosos acreditavam que ele se referia exclusivamente ao “pai do marido” (sogro de um *ego* feminino), e a falta de um termo para “pai da esposa” (sogro de um *ego* masculino) era utilizada como evidência de que as relações entre um homem e seus parentes afins era fraca. Hettrich (1985, p. 466), porém, retoma essa discussão e defende que **suekūro-* também era utilizado para se referir ao “pai da esposa”. Contudo,

⁷ Atualmente, também se considera que *gambrós* com o significado de “noivo” possa ocorrer em Píndaro (cf. *DGE* s.v. *gambrós* II; Slater 1969 s.v. *gambrós* b. “betrothed, bridegroom to be”). No entanto, este artigo argumentará que as ocorrências em Píndaro previamente entendidas como “noivo” podem ser igualmente bem interpretadas como termos de parentesco propriamente ditos (vide *infra* seção 3.3).

⁸ Viredaz (2002, p. 162) considera a etimologia popular de *gaméō* o principal fator que deu origem ao significado de “noivo”, com base no fato de que essa mudança semântica, em outras línguas, ocorreu apenas em albanês e búlgaro, provavelmente por influência do grego. É, de fato, provável que o grego seja a fonte dessa alteração, mas a restrição desse sentido a somente um gênero literário, nos períodos arcaico e clássico, torna mais provável a participação de outros fatores (vinculados ao gênero) no estabelecimento de *gambrós* como termo para “noivo”, como será argumentado na seção 3.2.

⁹ Para discussão específica sobre o vocábulo, cf. Mayrhofer (1992-2001) s.v. *bándhu*.

em grego, o substantivo dele provindo, *hekurós*, de fato refere-se apenas ao “pai do marido”, e, da mesma maneira, *hekuré*, à “mãe do marido”. Restritos a Homero, eles são utilizados apenas duas vezes cada e apenas por mulheres.¹⁰ Desse modo, se Hettrich (1985, p. 466) estiver correto, isso significa que, em grego, *hekurós* foi expelido da posição de “pai da esposa” em favor de *pentherós*.

A partir dessas considerações, uma hipótese sobre a evolução desses termos pode ser aventada. O termo do qual *gambrós* se originou já seria um termo de parentesco em PIE, designando o “marido da filha”.¹¹ Já o termo do qual *pentherós* se originou não seria um termo de parentesco propriamente dito, mas significaria “aliado; parente”. Em grego, *pentherós* ocupou o lugar do termo referente ao “pai da esposa” e, talvez, ao “irmão da esposa”. Por outro lado, *gambrós* passou a englobar também o “marido da irmã” provavelmente por uma combinação de fatores, entre eles, a etimologia popular influenciada por *gaméō*, decisiva nas variações de seu significado, e a influência mútua entre ele e *pentherós*, reconhecidas por Viredaz (2002, p. 162-3). Dessa maneira, conclui-se a investigação etimológica desses termos com observações sumárias, mas essenciais, para que se possa compreender a variação de seus significados do século VIII ao IV a.C., objeto da próxima seção.

3. OCORRÊNCIAS NOS PERÍODOS ARCAICO E CLÁSSICO

3.1. Poesia hexamétrica

Os sentidos que *gambrós* e *pentherós* possuem em Homero já foram mencionados, mas se faz necessária uma exposição maior dos dados. Uma primeira observação a ser feita é que, das 16 ocorrências de *gambrós* nesse autor, em 12 ele significa “marido da filha”,¹² em três, “marido da irmã”,¹³ e em uma o significado é indefinido.¹⁴ Já *pentherós* ocorre uma vez como “pai da esposa”¹⁵ e uma com significado indefinido.¹⁶ O *ego* é sempre do sexo

¹⁰ Hom. *Il.* 3.172 (Helena a Príamo), 22.451 (Andrômaca sobre Hécuba) e 24.770 (Helena sobre Príamo e Hécuba).

¹¹ Mesmo Friedrich (1966, p. 14), que propõe, com base em características do sistema de parentesco Omaha III, que o significado de “marido da irmã” poderia existir já em PIE, reconhece que o de “marido da filha” é o original. Afinal, entre os termos cognatos em outras línguas, esse é o significado sempre presente, cf. véd. *jāmātar-*, av. *zāmātar-* ‘genro’.

¹² Hom. *Il.* 6.177, 178, 249, 9.142, 284, 11.739, 13.428, 24.331, *Od.* 3.387, 4.569, 7.313, 19.406.

¹³ Hom. *Il.* 5.474, 13.464, 466.

¹⁴ Hom. *Od.* 8.582.

¹⁵ Hom. *Il.* 6.170.

¹⁶ Hom. *Od.* 8.582. Passagem com base na qual o *LfggrE* elabora a hipótese, mencionada acima, de que *pentherós* também poderia significar “irmão da esposa”.

masculino para ambos os termos, e a divisão entre eles, já comentada na seção anterior, é clara. Além disso, predomina o uso referencial dos termos, e em apenas uma ocorrência há o uso interpessoal, na *Odisseia* 19.406.¹⁷

Em Hesíodo, por sua vez, as ocorrências de *gambrós* seguem o mesmo padrão: todas são referenciais, sendo que uma significa “marido da filha”¹⁸ e duas, “marido da irmã”.¹⁹ Por fim, há uma última ocorrência na poesia hexamétrica, no *Hino Homérico a Deméter* 84:

ἀλλὰ θεὰ κατάπαυε μέγαν γόνον· οὐδέ τι σὲ χρῆ
 μὰς αὐτῶς ἄπλητον ἔχειν χόλον· οὔ τοι ἀεικίης
 γαμβρὸς ἐν ἀθανάτοις πολυσημάντων Ἀἰδωνεύς
 αὐτοκασίγνητος καὶ ὁμόσπορος· (h.Cer. 82-85)

Mas, deusa, põe fim ao grande lamento; não debes ter, em vão, uma ira terrível: fica sabendo que, entre os imortais, Aidoneu que governa sobre muitos não é um genro vergonhoso, teu próprio irmão, nascido dos mesmos pais.

Esse trecho está inserido em uma fala do Sol a Deméter, contexto que faz com que *gambrós* possa ter duas interpretações. Em uma delas, o Sol colocaria Deméter como *ego*; na outra, estaria falando hipoteticamente, tomando a si próprio ou outro homem como *ego*.²⁰ O primeiro caso representaria uma

¹⁷ γαμβρὸς ἐμὸς θυγάτηρ τε, τίθεσθ' ὄνομ' ὅττι κεν εἴπω 'Meu genro e filha, dai-lhe o nome que eu disser'. Trata-se de uma passagem interessante por dois motivos: 1) morfologicamente, a ocorrência está no nominativo, mas sua função é inequivocamente vocativa, e 2) o termo é coordenado com *thugatēr*, para o qual há variantes nos manuscritos no nominativo e no vocativo. Há um grande número de ocorrências de *thugatēr* nessa mesma posição métrica no nominativo, e quatro no vocativo (*Il.* 5.348, *Od.* 7.146, 8.464, 19.406), fechando o primeiro hemistíquio, com diferentes formas de preencher o início do verso. Ao ser colocado na posição que varia do hemistíquio, *γαμβρὸς ἐμὸς* deve ter sido utilizado como um nominativo por um vocativo para evitar o hiato que seria gerado pela forma *γαμβρέ*. Vale ressaltar também que a construção *γαμβρὸς ἐμὸς θυγάτηρ τε*, preferida por editores como von der Mühl (1962) e West (2017), com o segundo termo no vocativo, é o oposto do que seria esperado segundo a construção *Ζεῦ πάτερ ... Ἡελίος τε* (*Il.* 3.276-7), em que apenas o primeiro termo coordenado pela conjunção *τε* aparece no vocativo (cf. Schmitt 1967, p. 11-2).

¹⁸ Hes. *Th.* 818.

¹⁹ Fr. 197.4, 5 M-W.

²⁰ No trecho, se *τοι* (v. 83) for interpretado como um pronome pessoal de 2ª pessoa do singular no dativo, seria possível argumentar que o *ego* é inequivocamente Deméter. No entanto, ao se analisar as formas pelas quais o *ego* de *gambrós* é marcado na sintaxe quando explicitado, três maneiras são encontradas: 1) pronome possessivo, 2) substantivo ou pronome pessoal no genitivo e 3) substantivo ou pronome pessoal no dativo. Das três, o dativo é a forma menos frequente de evidenciar o *ego* de *gambrós*. Em Homero, por exemplo, a marcação com dativo ocorre apenas duas vezes (*Il.* 9.142, 284) contra sete vezes em que a marcação é feita por

diferença com relação às ocorrências em Homero e Hesíodo, já que, nesses dois autores, *gambrós* é sempre relativo a um *ego* masculino. No entanto, não é possível afirmar com certeza que o termo também poderia ter um *ego* feminino na poesia hexamétrica com base apenas nessa atestação, uma vez que a segunda interpretação é igualmente possível. A isso se soma o fato de que os *Hinos Homéricos* são posteriores aos poemas homéricos e hesiódicos em si, de forma que, mesmo que se considere a primeira possibilidade como mais provável, ela pode representar um desenvolvimento posterior do uso do termo. Assim, a conclusão mais plausível é de que, originalmente, *gambrós* e *pentherós* eram exclusivamente masculinos, tanto para o *ego* quanto para os referentes.

Seguem, em formato tabular, os dados gerais sobre a poesia hexamétrica (Hom. *gambrós* 16x, *pentherós* 2x; Hes. *gambrós* 3x; *h. Cer. gambrós* 1x).

Tabela 1: Poesia hexamétrica

	<i>gambrós</i>	<i>pentherós</i>
marido da filha	14	0
marido da irmã	5	0
pai da esposa	0	1
irmão da esposa	0	0
parente afim	0	0
noivo	0	0
indefinido	1	1
TOTAL	20	2

3.2. Lírica arcaica

Dentre os poetas líricos, por sua vez, a atestação mais antiga que temos de um desses dois termos – *pentherós*, mais especificamente – está em Álcman, mas em um fragmento pouco legível.²¹ As nove ocorrências de *gambrós* em

uma das outras duas maneiras (*Il.* 5.474, 6.248-9, 11.739, 13.428, *Od.* 4.569, 7.313, 19.406). Em Eurípides, o dativo ocorre apenas uma vez (*Rh.* 197-8) contra outras cinco (fr. 72.2 Nauck, fr. 647.1-2 Nauck, **Phaëth.* 242-3, *Andr.* 359, *Rh.* 167) nas quais o *ego* também é evidenciado; em Heródoto, são duas vezes (1.73.7, 6.129.17) contra outras quatro (1.73.5, 2.98.6, 5.30.6, 6.126.9); nos demais autores, o dativo nunca é usado para esse fim. As evidências epigráficas confirmam esse resultado: nelas, o genitivo é a forma preponderante de se evidenciar o *ego*, quando isso se dá. Portanto, é pouco provável que τοι (*h. Cer.* 83) seja um pronome no dativo que marque Deméter como *ego*, e por isso ele é aqui interpretado como uma partícula, o que faz com que a interpretação de quem é o *ego* nesse trecho permaneça aberta.

²¹ Fr. 6, subfr. 21a.2 Page.

Safo,²² por sua vez, nos fornecem um *corpus* suficientemente recuado no tempo. Afinal, como não é possível afirmar que Safo conhecia os poemas de Homero tal como deles dispomos hoje, não se deve traçar uma diacronia entre esses dois autores, mas sim ver os dados presentes naquela como mais um testemunho dos estágios iniciais do uso de *gambros* na língua grega.

A pertinência de se considerar tanto Homero quanto Safo como herdeiros diretos do significado mais antigo que se pode traçar para *gambros* é revelada ao se notar as diferenças entre eles. Primeiramente, quanto ao próprio significado: em Safo, predomina “noivo”, de todo ausente, não só da poesia hexamétrica, mas de todo o restante de nosso *corpus*.²³ Além disso, devemos chamar atenção para o destaque do caso vocativo, que aparece quatro vezes na autora,²⁴ em concentração muito maior do que em Homero ou em qualquer outro autor.²⁵ O sentido único do termo e a proeminência do uso interpessoal não parecem diferenças independentes e casuais.²⁶ Um ponto está intrinsecamente ligado ao outro e eles devem ser interpretados a partir do gênero ao qual ao menos oito dos nove fragmentos com atestações de *gambros* pertencem: o epitalâmio.²⁷

A relação entre o sentido de *gambros* como termo de parentesco e como “noivo” na ocasião do casamento já foi comentada: em ambos os casos, o termo indica o homem que entra em uma família por meio do casamento.

²² Frs. 103.11, 111.5, 112.1, 113.1, 115.1, 116.1, 117.1, 141.9, 161.1 Voigt.

²³ A respeito das ocorrências de *gambros* em Píndaro com o sentido de “noivo”, vide *supra* nota 7.

²⁴ Frs. 112.1, 113.1, 115.1 e 116.1 Voigt.

²⁵ As únicas ocorrências de *gambros* no vocativo fora de Safo estão em Homero (*Od.* 19.406) e em um fragmento do *corpus* aristotélico (fr. 640.11 Rose), ambas significando “marido da filha”. A atestação em Homero pode ser compreendida como um preenchimento métrico (para maior discussão, vide *supra* nota 17). Já quanto à do *corpus* aristotélico, deve-se levar em conta o fato de que se trata de uma atestação provinda da Atenas clássica: nesse contexto, por influência de *kēdestēs*, segundo hipótese de Miller (1953, p. 46), *gambros* tem especificidades que tornam difícil a comparação com Safo. Essas especificidades são discutidas em mais detalhe nas seções 3.4 e 3.5.

²⁶ Exteriormente a nosso *corpus*, Teócrito fornece uma evidência da relação direta entre o sentido de “noivo” e o uso interpessoal. Já no período helenístico, ele é o primeiro autor depois de Safo a utilizar, indubitavelmente, *gambros* como “noivo”, talvez por influência dela própria. Nele, o termo ocorre seis vezes (*Idílio* 15.129, 18.8, 18.15, 18.49, 22.140, 24.84), cinco com o sentido de “noivo” (*Idílio* 15.129, 18.8, 18.15, 18.49, 22.140) e três no vocativo (*Idílio* 18.8, 18.15, 18.49). Portanto, também em Teócrito existe uma correspondência entre maior concentração de atestações no vocativo e ocorrência do significado de “noivo”.

²⁷ Os frs. 111, 112, 113, 115, 116 e 117 Voigt são comumente atribuídos ao livro de epitalâmios da edição alexandrina de Safo. Para argumentação de que a atestação no fr. 103 Voigt pertence a um epitalâmio, cf. Prauscello (2018); para interpretação do fr. 141 Voigt como um epitalâmio, cf. Hague (1983), com argumentos indiretos adicionais em Lyghounis (1991). Somente o fr. 161 Voigt permanece incerto.

Dickey (1996, p. 61) ainda lembra que o sentido de termos de parentesco em seu uso interpessoal pode diferir muito de seu sentido lexical. Neste caso, a variação não é tão esdrúxula, tanto pelo já citado quanto por outros elementos em jogo. Um destes é a etimologia popular influenciada por *gaméō*, decisiva neste contexto; outro é o fato de que, como apontado por Lyghounis (1991, p. 165), o esposo e o pai da esposa eram os principais agentes no casamento, não sendo, assim, estranho que o termo para “marido da filha” venha à tona nesse horizonte. Apesar de não ser possível, portanto, identificar uma ordem de precedência entre gênero e significado,²⁸ e mesmo com os problemas envolvidos na questão da performance dos poemas de Safo,²⁹ parece seguro afirmar que, em um contexto poético, o gênero é o fator principal na ocorrência do significado de “noivo”, uma vez que, como a interpelação direta aos noivos é uma característica que identifica o epitalâmio, de acordo com Lyghounis (1991, p. 186-7), esse gênero é indissociável do critério pragmático do uso interpessoal.

Um último ponto a se ressaltar é a extrema restrição de *gambrós* com o sentido de “noivo”. Pode-se afirmar isso ainda com base em Lyghounis (1991): a estudiosa analisa menções a casamentos em outros gêneros no período arcaico e em “epitalâmios” do período clássico,³⁰ e *gambrós* não ocorre como “noivo” em nenhum dos dois contextos, sendo *numphíos* o termo mais frequente. Muitos fatores podem ter contribuído para isso, entre eles, o *corpus* extremamente reduzido de epitalâmios supérstites; o fato de os “epitalâmios” clássicos estarem, na verdade, incorporados a outros gêneros, como a tragédia e a comédia; e a variação semântica de *gambrós* e *pentherós* na poesia clássica, discutida mais à frente. Assim, como o termo poderia ocorrer em outras canções de casamento arcaicas que não chegaram a nós, e como *gambrós* tem outras especificidades no período clássico, conclui-se que seu sentido de “noivo” surgiu cedo em grego, em paralelo a seu sentido lexical como termo de parentesco, com o qual mantém relação enquanto designação de um “homem que se casa”. Essa emergência do significado de “noivo” estaria, portanto, atrelada ao gênero do epitalâmio e ao uso interpessoal do termo, sem uma ordem de precedência clara, e à influência de *gaméō*, por etimologia popular.

²⁸ Isto é, se *gambrós* adquiriu primeiro o significado de “noivo” no uso interpessoal e depois passou a ser usado em epitalâmios, ou se o uso interpessoal nos próprios epitalâmios fez com que o termo adquirisse o sentido de “noivo”.

²⁹ Para discussão sobre performance em Safo e a variedade de propostas existentes, cf. Power (2020).

³⁰ A autora, na verdade, avança até a Antiguidade Tardia em seu exame, mas nos restringiremos a seus dados sobre os períodos arcaico e clássico, conforme nosso objetivo neste artigo.

3.3. Lírica tardo-arcaica

A especificidade de *gambrós* em Safo ganha ainda mais relevo ao se analisar de que forma o termo aparece nos poetas líricos posteriores – mais especificamente, Baquilides e Píndaro –, em outros gêneros que não o epitalâmio. Em primeiro lugar, todas as atestações nesses dois poetas são referenciais. Em Baquilides, as duas que temos significam “marido da filha”.³¹ Já em Píndaro, atualmente considera-se que o termo pode ter o significado de “noivo” em algumas passagens (cf. *DGE* s.v. *gambrós* II; Slater 1969 s.v. *gambrós* b. “betrothed, bridegroom to be”: *O.* 7.4, *P.* 9.116 e talvez *N.* 5.37). Contudo, essa interpretação parece ter como base o significado de “noivo” em Safo, tal como expresso em Gentili *et al.* (1995, p. 619), o que ignora as especificidades genéricas das atestações. Na verdade, para todas as ocorrências de *gambrós* em Píndaro interpretadas como “noivo”, existe igualmente a possibilidade de interpretá-lo como um termo de parentesco propriamente dito.³² Vejamos isso na *Pítica* 9.116, uma vez que mesmo trabalhos específicos sobre esse poema, como Carson (1982) e Myers (2007), não tocam na questão do significado de *gambrós*:

πατήρ δὲ θυγατρὶ φυτεύων
 κλεινότερον γάμον, ἄκουσεν Δαναόν ποτ' ἐν Ἄργει
 οἶον εὔρεν τεσσαράκοντα καὶ ὄκ-
 τὼ παρθένοισι πρὶν μέσον ἄμαρ, ἐλεῖν
 ὠκύτατον γάμον· ἔστασεν γὰρ ἅπαντα χορόν
 ἐν τέρμασιν αὐτίκ' ἀγῶνος·
 σὺν δ' ἀέθλοισι ἐκέλευσεν διακρῖναι ποδῶν,
 ἄντινα σχήσοι τις ἥρω-
 ῶν, ὅσοι γαμβροὶ σφιν ἦλθον. (Pínd. *P.* 9.111-16)

O pai, concebendo um casamento de mais renome para a filha, ouviu como Dânao, certa vez, em Argos, descobrira como conseguir muito rapidamente casamento para as quarenta e oito filhas não casadas antes do meio-dia; pois imediatamente postou toda a tropa na linha de chegada da pista, e ordenou que se decidisse, com uma competição de pés, qual filha cada um dos heróis obteria, entre quantos chegaram em proveito delas para serem genros.

³¹ Baqu. *Ditirambo* 3.50, *Ode* 1.8.

³² No caso da *O.* 7.4, tradutores anteriormente já o interpretaram dessa maneira, como Svarlien (1990), que o traduz como “son-in-law”. Já na *N.* 5.37, mesmo Slater (1969 s.v. *gambrós*) considera a interpretação de “noivo” como menos provável, visto que a coloca apenas como possível e, na verdade, utiliza essa passagem na entrada de “brother in law”. Por fim, a discussão sobre a *P.* 9.116 é feita no corpo deste artigo.

Nessa passagem, é possível argumentar que *γαμβροί* tem o significado proléptico de “maridos das filhas”. Em primeiro lugar, o dativo plural *σφιν* não necessariamente determina o significado de “noivos”; para isso, esse dativo deveria limitar apenas o predicativo *γαμβροί*, mas essa interpretação seria dissonante do resto da passagem. Como desde o início do trecho citado a(s) futura(s) esposa(s) e seu pai são mostrados como a parte interessada no casamento, nos parece mais adequado interpretar *σφιν* como um dativo de interesse com verbo de movimento (cf. Smyth 1956, §1475), assim preservando, ao mesmo tempo, as filhas como o grupo em favor do qual a ação é feita e, com o termo de parentesco, o envolvimento do pai delas (que ainda é o sujeito do verbo da oração principal, *ἐκέλευσεν*) na ação. Além disso, uma passagem em Heródoto (6.126.9) relata uma situação na qual, para homens, o casamento é visto como oportunidade de se obter um sogro ilustre, assim fornecendo um paralelo para essa mesma interpretação na passagem de Píndaro. Por fim, mesmo que se insista no sentido de “noivos”, ele pode ser decorrente de uma influência direta do gênero do epitalâmio e talvez da própria Safo, já que o contexto das núpcias está presente nessa ode como um todo e os sintagmas *κλεινότερον γάμον* (112) e *ὠκύτερον γάμον* (114) ocorrem, respectivamente, quatro e dois versos antes de *γαμβροί* (116). Portanto, a interpretação de “maridos das filhas” nesse trecho parece, no mínimo, tão possível quanto a de “noivos”, e mesmo a segunda não anula a distribuição por gênero literário dos significados de *gambros*, com “noivo” restrito às canções de casamento.

Assim, aceitando a argumentação acima, o sentido de “marido da filha” ocorreria, ao todo, três vezes³³ em Píndaro; haveria também uma vez “marido da irmã”,³⁴ e uma vez “parente afim”.³⁵ Nessa última ocorrência, não é possível identificar o grau de parentesco exato a que o termo se refere, pelo fato de ele ser usado justamente em um sentido generalizante que engloba qualquer parente afim:

οὐδ’ ἔστιν οὕτω βάρβαρος
 οὔτε παλίγγλωστος πόλις,
 ἄτις οὐ Πηλ<έο>ς ἄϊει κλέος ἦ-
 ρως, εὐδαίμονος γαμβροῦ θεῶν,
 οὐδ’ ἄτις Αἴαντος Τελαμωνιάδα
 καὶ πατρός· (Pínd. *I.* 6.24-27)

³³ Pínd. *O.* 7.4, *P.* 9.116, *I.* 3/4.78.

³⁴ Pínd. *N.* 5.37.

³⁵ Pínd. *I.* 6.25.

Não há cidade de tal modo bárbara nem de língua tão estranha que não tenha ouvido a glória do herói Peleu, afortunado parente dos deuses, nem a de Ájax Telamônio e de seu pai.

Essa generalização do termo representa mais uma distinção entre Píndaro e Homero e uma característica comum entre aquele e os tragediógrafos, no que se refere ao uso de *gambrós*. Ainda outro traço que os aproxima é a questão do sexo de *ego*, já tratada no comentário ao *Hino Homérico a Deméter*. No entanto, o que lá era uma dúvida, aqui é uma certeza, pois em Píndaro, em uma ocorrência, *gambrós* é utilizado com relação a um *ego* feminino:

νῦν δὲ παρ' Αἰγίόχῳ {Διῖ} κάλλιστον ὄλβον
ἀμφέπων ναίει, τετίμα-
ταί τε πρὸς ἀθανάτων φίλος, Ἥβαν τ' ὀπιίει,
χρυσέων οἴκων ἀναξ καὶ γαμβρὸς Ἥρας. (Pínd. I. 3/4.76-78)

Agora, junto de Zeus portador da égide, desfrutando da mais bela felicidade, ele [Hércules] habita, é honrado pelos imortais como amigo, desposou Hebe, é rei de um palácio dourado e genro de Hera.

Apesar dessas duas diferenças com relação a Homero – o sentido geral de “parente afim” e o *ego* feminino, também presentes na tragédia –, *gambrós* continua fazendo referência em Píndaro à posição do homem que entra em uma família pelo casamento em relação a um *ego* dessa família. Portanto, mesmo com o alargamento semântico verificado, *gambrós* ainda permanece dentro de certas fronteiras existentes desde os estágios mais antigos da presença desse termo na língua grega, o que faz com que suas atestações em Píndaro sejam um meio-termo entre as da poesia arcaica e as da poesia clássica.

Eis a distribuição dos significados na poesia lírica (Álc. *pentherós* 1x; Saf. *gambrós* 9x; Baqu. *gambrós* 2x; Pínd. *gambrós* 5x):

Tabela 2: Poesia lírica

	<i>gambrós</i>	<i>pentherós</i>
marido da filha	5	0
marido da irmã	1	0
pai da esposa	0	0
irmão da esposa	0	0
parente afim	1	0
noivo	8	0

indefinido	1	1
TOTAL	16	1

3.4. Poesia trágica

Em Sófocles e Eurípidas, há atestações de *gambrós* e *pentherós* em que esses termos aparecem em seus significados originais.³⁶ No entanto, como já mencionado, há duas características em comum entre Píndaro e os tragediógrafos quanto ao uso desses termos, características estas que afastam esses poetas de Homero. Uma delas é o uso desses termos, e em particular *gambrós*, com o sentido generalizante de “parente afim”,³⁷ como é possível deprender do seguinte excerto do *Agamêmnon*, de Ésquilo, que trata do casamento de Helena e Páris:

Ίλίω δὲ κῆδος ὀρθώνυμον τελεσίφρων
 Μῆνις ἤλασεν, τραπέ-
 ζας ἀτίμωσιν ὑστέρωι χρόνωι
 καὶ ξυνεστίου Διός
 πρασσομένα τὸ νυμφότιμον
 μέλος ἐκφάτως τίοντας,
 ὑμέναιον, ὃς τότε ἔπερεπε γαμβροῖσιν αἰεΐειν. (699-708)

A Ira que exerce sua vontade impeliu para Ílio o casamento corretamente nomeado, por exigir compensação, em um tempo posterior, pela desonra da mesa e de Zeus do lar da parte daqueles que honraram com alta voz a canção nupcial, himeneu que então coube a seus parentes [i.e., de Helena] cantar.

Já a outra característica é a utilização de *gambrós* relativamente a um *ego* feminino,³⁸ como pode ser exemplificado com esta passagem da *Ifigênia em Áulis*, de Eurípidas, na qual Clitemnestra dirige-se a Aquiles:

³⁶ S. *OC* 1302 (πενθερόν ‘pai da esposa’); E. *Andr.* 359 (γαμβροῖς ‘marido da filha’), 739 (γαμβροῦς ‘marido da filha’), *Supp.* 16 (γαμβρῶι ‘marido da filha’), 132 (γαμβροῖς ‘maridos das filhas’), *HF* 14 (πενθερούς ‘pai da esposa’), 484 (πενθερόν ‘pai das esposas’, possivelmente), *Pb.* 427 (γαμβροῖς ‘maridos das filhas’), *Rb.* 167 (γαμβρὸς ‘marido da irmã’), 198 (γαμβρὸν ‘marido da irmã’).

³⁷ Cf. E. **Phaëth.* 243, *Hipp.* 635. Em comentário a esta segunda peça, Barrett (1964, p. 279-80) diz que a passagem em que o termo ocorre é interpolada de outra peça e já nota o significado generalizante do termo no trecho.

³⁸ Cf. A. *Ag.* 708, S. fr. 305.2 Radt, E. *Rb.* 260 (no composto κακόγαμβρον).

οἴκτιρε δ' ἡμᾶς· οἴκτρα γὰρ πεπόνθαμεν.
 ἢ πρῶτα μὲν σε γαμβρὸν οἰηθεῖς ἔχειν
 κενὴν κατέσχον ἐλπίδ'· εἶτά σοι τάχα
 ὄρνις γένοιτ' ἂν τοῖσι μέλλουσιν γάμοις
 θανοῦσ' ἐμὴ παῖς, ὃ σε φυλάξασθαι χρεῶν. (985-89)

Apieda-te de nós, pois sofremos coisas lamentáveis. Primeiro, pensando que te teria como genro, tive uma esperança vazia. Depois, se minha filha morrer, talvez ela se torne para ti um mau augúrio em teu futuro casamento, contra o que é preciso que tu te guardes.

No entanto, a tragédia destaca-se por ir além desse alargamento já revelado em Píndaro. Nos tragediógrafos, *gambros* e *pentherós* confundem-se, podendo um ter significados antes pertencentes somente ao outro. Assim, a divisão entre esses termos, que parece se manter nos autores anteriores,³⁹ desaparece, e não há mais distinção clara entre eles, podendo inclusive ser utilizados como sinônimos.⁴⁰ Como exemplos, pode-se citar, primeiramente, um fragmento de Eurípides em que *gambros* tem o sentido de “pai da esposa”:⁴¹ χαῖρ', ὦ γεραῖέ· τήν τε παῖδ' ἐκδοῦς ἐμοί / γαμβρὸς νομίζη καὶ πατὴρ σωτήρ τ' ἐμός (E. fr. 72.1-2 Nauck) ‘Olá, ancião; tendo dado tua filha em casamento a mim, tu consideras que és meu sogro, pai e salvador.’ Em segundo lugar, há um fragmento de Sófocles em que *pentherós* significa “marido da filha”,⁴² na medida em que se trata de uma fala de Odisseu a Clitemnestra a respeito de Aquiles, suposto noivo de Ifigênia: σὺ δ', ὦ μεγίστων τυγχάνουσα πενθερῶν (S. fr. 305.2 Radt) ‘Tu, obtendo o maior genro...’.

A tragédia é, portanto, o gênero em que se verifica a maior amplitude de significado de *gambros* e *pentherós*: na prática, ambos podem se referir a qualquer relação no rol de “marido da filha”, “marido da irmã”, “pai da esposa”, “irmão da esposa”, e simplesmente “parente afim”. A isso soma-se o fato de que o *ego* pode ser tanto masculino quanto feminino. Miller (1953, p. 46) atribui esse alargamento do sentido a uma influência de *kēdestēs*, termo de parentesco por afinidade amplamente utilizado pelos oradores e presente em Platão, Xenofonte, Aristófanes, Eurípides e Ésquilo, em referência a qualquer um dos graus de parentesco acima mencionados. Essa proposta parece plausível o bastante, mas abre espaço para uma discussão sobre os critérios de distribuição

³⁹ Ou seja, como termos complementares, em que *gambros* designa um homem que entra em uma família por meio do casamento, e *pentherós*, um homem que pertence a essa família.

⁴⁰ Cf. E. *Hipp.* 635-36. Barrett (1964, p. 280) já comenta que, nessa passagem, *gambros* e *pentherós* têm o mesmo significado.

⁴¹ Para outros sentidos inesperados de *gambros*, cf. S. *OT* 70 (“irmão da esposa”); E. *Andr.* 641 (possivelmente “pai da esposa”), fr. 647.2 Nauck (“pai da esposa”).

⁴² Para outro sentido inesperado de *pentherós*, cf. E. *El.* 1286 (“marido da irmã”).

entre *kēdestēs*, de um lado, e *gambrós* e *pentherós*, de outro, discussão esta que será trabalhada em maior detalhe a seguir.

Os dados tabulares sobre a tragédia são os seguintes:

Tabela 3: Tragédia

	<i>gambrós</i>	<i>pentherós</i>
marido da filha	6	1
marido da irmã	2	1
pai da esposa	3	3
irmão da esposa	1	0
parente afim	3	1
noivo	0	0
indefinido	0	0
TOTAL	15	6

3.5. Prosa

Os dados até aqui analisados apontam para um alargamento semântico de *gambrós* e *pentherós* no decorrer do tempo. No entanto, as ocorrências desses termos em Heródoto revelam que o movimento de ampliação do significado não foi onipresente e que o critério cronológico não é o único que deve ser levado em conta. Nesse autor, *gambrós* ocorre quatro vezes com o sentido de “marido da filha”,⁴³ quatro com o sentido de “marido da irmã”,⁴⁴ e uma vez com sentido indefinido,⁴⁵ pela impossibilidade de identificação exata do grau de parentesco referido. Já *pentherós*, em suas três ocorrências, significa sempre “pai da esposa”.⁴⁶ Além disso, em todas essas atestações o *ego* é masculino. Heródoto, portanto, conserva o mesmo significado restrito dos termos encontrado em Homero, sem nenhuma interferência das diferenças presentes em Píndaro e nos tragediógrafos.

⁴³ Hdt. 2.98.6, 5.67.21, 6.126.9, 6.129.17.

⁴⁴ Hdt. 1.73.5, 1.73.7, 7.189.3, 7.189.6. Estas duas últimas passagens são passíveis de discussão, uma vez que tratam da relação entre personagens míticas (Bóreas e Orítia) e os atenienses. A interpretação de *gambrós* como “marido da irmã” nessas passagens é defensável e plausível a partir de uma visão de Erecteu, pai de Orítia, como ancestral e, portanto, “pai” dos atenienses; desse modo, Orítia seria irmã deles, e Bóreas, marido da irmã. Powell (1938, p. 63), por sua vez, coloca essas duas ocorrências sob o significado de “son-in-law”, com a ressalva “talvez”. Apesar de considerarmos a primeira interpretação mais provável, a segunda não inviabiliza a argumentação desenvolvida no corpo do texto.

⁴⁵ Hdt. 5.30.6.

⁴⁶ Hdt. 3.52.26, 4.164.20, 7.165.13.

Essa continuidade dos significados de *gambrós* e *pentherós* existente entre Homero e Heródoto já foi notada por Thompson (1971, p. 110), o qual propõe que *kēdestēs* seria um termo ático,⁴⁷ enquanto aqueles dois termos seriam jônicos. Pode-se depreender que Thompson (1971, p. 110) estabelece essa divisão regional e/ou dialetal por justificar uma ocorrência de *gambrós* em Xenofonte, autor ateniense, pelo tempo que este passou na Jônia. Em si, essa divisão já é pouco precisa, na medida em que um gênero literário como a historiografia não pode ser considerado como um espelho exato de determinado dialeto e/ou variante regional da língua grega. Contudo, mesmo que desconsideremos esse detalhe, a repartição proposta por Thompson ainda é desafiada pela atestação em Xenofonte:

ἤδη δ' οὔσης αὐτῆς ἐτῶν πλέον ἢ τετταράκοντα, Μειδίας, θυγατρὸς ἀνὴρ αὐτῆς ὢν, ἀναπτρωθεὶς ὑπὸ τινῶν ὡς αἰσχρὸν εἶη γυναῖκα μὲν ἄρχειν, αὐτὸν δ' ἰδιώτην εἶναι, τοὺς μὲν ἄλλους μάλα φυλαττομένης αὐτῆς, ὥσπερ ἐν τυραννίδι προσῆκεν, ἐκείνῳ δὲ πιστευούσης καὶ ἀσπαζομένης ὥσπερ ἂν γυνὴ γαμβρὸν ἀσπάζοιτο, εἰσελθὼν ἀποπνῖζαι αὐτὴν λέγεται. (Xen. *HG* 3.1.14.1-7)

Quando ela [Mania] já tinha mais de quarenta anos, Mídias, que era marido da filha dela, por estar irritado pelo comentário de alguns de que era vergonhoso que uma mulher governasse e que ele fosse um homem comum, sendo que ela era muito desconfiada dos outros, como era adequado em uma tirania, mas confiava nele e o cumprimentava como uma mulher cumprimentaria seu genro, é dito que ele foi e a estrangulou.

Um exame da ocorrência de *gambrós* nessa passagem revela que o termo é usado relativamente a um *ego* feminino, o que, como apresentado acima, é característica de todo ausente de Heródoto e que, na verdade, aproxima Xenofonte de Píndaro e dos tragediógrafos.

Outro ponto que deve ser levantado é que Thompson não considera a tragédia como exemplo de uma variante ática, pois, caso contrário, não seria possível afirmar que *gambrós* e *pentherós* não são termos áticos, uma vez que eles têm mais ocorrências na tragédia do que *kēdestēs*. Isso poderia ser justificado argumentando-se que aqueles termos podem ser “poéticos”⁴⁸ e, assim, suas

⁴⁷ Lembramos que esse termo, na verdade, não é exclusivamente ático: *kādestās* ocorre também em um dialeto dórico, no Código de Gortina (Creta, séc. V a.C.).

⁴⁸ Na verdade, *kēdestēs* também é utilizado na tragédia, em A. fr. 47a.819 Radt (κηδεστῶν), E. *Alc.* 731 (κηδεσταίς) e *Hec.* 834 (κηδεστήν). Essas atestações do termo na poesia trágica são um argumento contra a hipótese de que *kēdestēs* seria um termo da prosa ática, em oposição aos “poéticos” *gambrós* e *pentherós*.

atestações na tragédia não seriam um contra-argumento à divisão dialetal e/ou regional. Essa justificativa, entretanto, também não se sustenta, pois há uma passagem em Demóstenes na qual eles são utilizados em contexto não poético: Προειπεῖν τῷ κτείναντι ἐν ἀγορᾷ ἐντὸς ἀνεψιότητος καὶ ἀνεψιοῦ, συνδιώκειν δὲ καὶ ἀνεψιοὺς καὶ ἀνεψιῶν παῖδας καὶ γαμβροὺς καὶ πενθεροὺς καὶ φράτερας (Dem. *Contra Macartatum* 57.1-3) ‘Que [alguém] dentro da relação entre primos e especialmente de primo de primeiro grau faça uma proclamação contra o assassino na ágora, e que junte à acusação primos, filhos de primos, *gambroí*, *pentheroí* e membros da fratria.’

Esse trecho faz parte de uma leitura da lei de Drácon sobre homicídio, a qual pode remontar ao século VII ou VI a.C. e que foi registrada epigraficamente em 409/8 a.C.⁴⁹ Assim, embora se trate de um exemplo, na verdade, arcaico, a transmissão da lei até o período clássico e, com ela, a ocorrência de *gambrós* e *pentherós* em um contexto jurídico, é uma contraprova de que esses termos seriam apenas “poéticos”. Na verdade, essa passagem é evidência de que eles estavam presentes na Atenas arcaica e de que, nessa época, tinham significados distintos (apesar de não ser possível depreender quais significados são esses somente a partir do excerto citado); do contrário, não se utilizariam ambos, lado a lado, na lei em questão. Isso contrasta com as suas atestações posteriores na tragédia, uma vez que nesta, como mencionado acima, *gambrós* e *pentherós* confundem seus significados e podem, inclusive, ser utilizados como sinônimos.

Dessa maneira, o quadro quanto ao uso de termos de parentesco por afinidade em autores atenienses se apresenta da seguinte maneira: 1) arcaicamente, *gambrós* e *pentherós* foram utilizados na lei de Drácon sobre homicídio; 2) na tragédia, esses termos são utilizados sem uma distinção rígida entre um e outro, e *kēdestēs*, por sua vez, também ocorre; 3) em Xenofonte, tanto *kēdestēs* quanto *gambrós* são utilizados, sendo que este apresenta semelhanças semânticas com as ocorrências na tragédia, na medida em que o *ego* é feminino; 4) nos oradores, *kēdestēs* é amplamente utilizado, enquanto *gambrós* e *pentherós* ocorrem apenas na passagem supracitada de Demóstenes. Esses dados levam à conclusão de que *gambrós* e *pentherós* não são termos ausentes do dialeto ático e que, no decorrer do tempo, concorreram com *kēdestēs*. Isso novamente traz à tona a hipótese de Miller (1953, p. 46) de que o alargamento semântico de *gambrós* e *pentherós*, visível na tragédia, seria decorrente da influência de *kēdestēs* sobre os outros dois termos, hipótese que parece plausível, mas não inequívoca.

⁴⁹ *Inscriptiones Graecae* I³ 104.

Por fim, resta retomar Heródoto, com a afirmação de que ele e alguns outros historiógrafos⁵⁰ são autores que dão continuidade apenas aos sentidos de *gambrós* e *pentherós* encontrados em Homero, representante do estágio mais antigo do uso desses termos em grego. Heródoto, portanto, distancia-se do movimento diacrônico de ampliação semântica que parecia se verificar. Dessa forma, é possível constatar uma repartição dentro da mesma sincronia: no período clássico,⁵¹ *gambrós* e *pentherós* ocorrem na tragédia como termos generalizantes de parentesco por afinidade que podem se confundir, enquanto em certos historiógrafos os mesmos termos ainda são restritos a seus significados mais antigos (Hdt. *gambrós* 9x, *pentherós* 3x; Xen. *gambrós* 1x; Dem. *gambrós* 1x, *pentherós* 1x; Ctés. *gambrós* 1x; Êfor. *gambrós* 1x; Arist. *gambrós* 1x; Democr. *gambrós* 1x).

Tabela 4: Prosa

	<i>gambrós</i>	<i>pentherós</i>
marido da filha	8	0
marido da irmã	4	0
pai da esposa	0	3
irmão da esposa	0	0
parente afim	0	0
noivo	0	0
indefinido	3	1
TOTAL	15	4

4. SINOPSE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçada essa história dos significados de *gambrós* e *pentherós* ao longo dos períodos arcaico e clássico, pode-se ter uma visão do conjunto com a tabela abaixo:⁵²

⁵⁰ Outros historiógrafos que utilizam *gambrós* de forma semelhante a Homero e Heródoto são Ctésias (688 F 13.114 Jacoby) e Êforo (70 F 18c.11 Jacoby). No primeiro, o termo significa “marido da filha” e tem *ego* masculino; no segundo, apesar de o significado ser indefinido, o *ego* também é masculino.

⁵¹ Há ainda duas ocorrências no período clássico: em um fragmento do *corpus* aristotélico (fr. 640.11 Rose) e em um aforismo de Demócrito (fr. 272.1 Diels-Kranz). Em ambas as ocorrências o significado é de “marido da filha”.

⁵² Em algumas passagens, a delimitação do significado a uma relação de parentesco exata não é óbvia. Nesses casos, o significado mais delimitado foi adotado e assim contabilizado na tabela, quando se julgou haver argumentos sólidos para isso. Uma ocorrência foi contabilizada

Tabela 5: Dados agregados

	<i>gambrós</i>	<i>pentherós</i>
marido da filha	33	1
marido da irmã	12	1
pai da esposa	3	7
irmão da esposa	1	0
parente afim	4	1
noivo	8	0
indefinido	5	3
TOTAL	66	13

À luz da discussão feita acima, é possível analisar os dados dessa tabela com os cuidados necessários. Em primeiro lugar, os significados mais antigos de cada um dos termos – “marido da filha” e “marido da irmã” para *gambrós*, e “pai da esposa” para *pentherós* – são mais proeminentes pelo fato de ocorrer em todos os autores que compõem nosso *corpus*, mas em alguns gêneros – a saber, a poesia hexamétrica e a historiografia – *apenas* esses significados ocorrem. Outro sentido que parece exclusivo a um gênero, desta vez o epitalâmio, é o de “noivo”, preservado apenas em Safo. Além disso, o sentido generalizante de “parente afim” é atestado somente na poesia tardo-arcaica e clássica. Por fim, a confusão entre os dois termos é restrita à tragédia, e por isso esses “desvios” do que se esperaria ocorrem menos vezes.

Se a primeira impressão que se tem da evolução desses termos é a de um movimento de ampliação semântica, a análise empreendida revela que o gênero literário é um critério tão importante quanto o diacrônico. Afinal, dentro de uma mesma sincronia há diferentes distribuições de significado a depender do gênero em questão. Desse modo, dentre os autores mais arcaicos de nosso *corpus*, é necessário traçar uma linha entre as atestações na épica de Homero e nas canções de casamento de Safo. De maneira parecida, no período clássico há que se fazer uma distinção entre as ocorrências na tragédia e na historiografia. A sistematização aqui adotada da distribuição de sentidos de *gambrós* e *pentherós* a partir de critérios diacrônicos e genéricos avança de forma decisiva na devida compreensão dos termos, tendo em vista que ela não é feita

na categoria “parente afim” quando não se referia a nenhuma relação específica entre duas ou mais pessoas; essa categoria foi distinguida de “indefinido”, na qual foram contabilizadas ocorrências que se referiam a uma relação específica entre duas ou mais pessoas, mas em que não foi possível identificar a relação exata.

com plena precisão em dicionários como o *Liddell-Scott-Jones* e o *Diccionario Griego-Español*, que utilizam critérios unicamente dialetais na divisão. Essa ausência de uma sistematização pode levar a dificuldades no tratamento desses termos por pesquisadores e estudiosos, como Campbell (1982, p. 139), que, em nota ao fr. 116 de Safo, afirma que “*gambrós* é usado para qualquer relação masculina por casamento”, o que, como vimos, é uma imprecisão. No caso de Píndaro, a discussão aqui empreendida ainda levantou uma nova possibilidade de interpretação de uma passagem, tão palpável quanto a proposta anterior de Slater (1969 *s.v. gambrós*).

Esses resultados foram obtidos por meio de exame detalhado dos referentes de *gambrós* e *pentherós*, ou seja, dos indivíduos designados por esses termos, em todas as suas ocorrências nos períodos arcaico e clássico. Por sua vez, outra questão relevante é a do sexo de *ego*, a pessoa a partir da qual as relações de parentesco são estabelecidas. Uma vez que os trabalhos sobre parentesco por afinidade no PIE muitas vezes investigam em que medida o sexo de *ego* determina diferenças nas relações entre parentes, esse é um aspecto importante a se destacar. Nesse ponto, os resultados obtidos apontam para esses termos serem originalmente utilizados exclusivamente por um *ego* masculino, enquanto o uso dos mesmos por um *ego* feminino é posterior.⁵³ Dessa forma, as conclusões aqui tiradas podem ser mais uma pista na investigação a respeito do sistema de parentesco do PIE, além de fornecer uma contribuição tanto linguística quanto literária ao detalhar os significados e usos em grego de dois termos de parentesco por afinidade, levando em conta o período histórico e o gênero literário em que ocorrem.

Por fim, sublinhamos que ainda restam questões a serem investigadas acerca desses termos de parentesco. Tanto *gambrós* quanto *pentherós* continuam a ser utilizados depois do período clássico, de modo que um ponto de interesse para pesquisas futuras é traçar como se dá a evolução diacrônica posterior desses termos nos gêneros literários que surgem e/ou ganham proeminência

⁵³ Por outro lado, existe a possibilidade de que os termos fossem originalmente utilizados também por um *ego* feminino, possibilidade esta não registrada entre as atestações mais antigas que temos devido ao caráter lacunoso da transmissão. Embora ela não possa ser excluída, as ocorrências posteriores revelam que tal registro não teria sido impossível: em Píndaro, por exemplo, encontramos $\gamma\alpha\mu\beta\rho\delta\varsigma$ Ἡρας (I. 3/4.78). Apesar de, teoricamente, esse sintagma específico não poder ocorrer em Homero ou Hesíodo por questões métricas, bastaria um sintagma equivalente que se encaixasse no hexâmetro, com o nome de uma mulher no genitivo, para expressar um uso de *gambrós* com *ego* feminino. Assim, tendo em vista a facilidade com que isso poderia ser expresso, o fato de que nenhuma ocorrência em Homero ou Hesíodo possui *ego* feminino é um testemunho a favor da hipótese de que, originalmente, o termo era exclusivo a um *ego* masculino. A ocorrência em *h. Cer.* 84, por sua vez, é posterior e de interpretação dúbia, como argumentado em 3.1. Quanto a *pentherós*, a exclusividade masculina é tanto mais segura, já que em Homero é atestada sua contraparte para um *ego* feminino, *hekurós*.

no período helenístico e adiante, com o objetivo de continuar o percurso aqui iniciado. Outro *corpus* que pode ser submetido à análise é o de suas atestações em documentos epigráficos, uma vez que há um grande número de atestações tardias de *gambrós* e *pentherós* em inscrições na Ásia Menor. Uma investigação desse tipo seria de grande valia para se estudar o uso corrente desses termos em determinada época e região, já que a epigrafia pode fornecer pistas mais concretas nesse sentido.

REFERÊNCIAS

Edições utilizadas:

- ALLEN, T. W. (ed.) *Homeri Ilias*, vols. 2-3. Oxford: Clarendon, 1931.
 ALLEN, T. W.; HALLIDAY, W. R.; SIKES, E. E. (eds.) *The Homeric hymns*, 2.ed. Oxford: Clarendon, 1936.
 DIELS, H.; KRANZ, W. (eds.) *Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol. 2, 6.ed. Berlim: Weidmann, 1952.
 DIGGLE, J. (ed.) *Euripides. Phaeton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
 DIGGLE, J. (ed.) *Euripidis fabulae*. 3 vols. Oxford: Clarendon, 1981-1994.
 GOW, A. S. F. (ed.) *Theocritus*, vol. 1, 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1952.
 IRIGOIN, J. (ed.) *Bacchylide. Dithyrambes, épinicies, fragments*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
 JACOBY, F. (ed.) *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1923-1958.
 LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. (eds.) *Sophoclis fabulae*. Oxford: Clarendon, 1990.
 MARCHANT, E. C. (ed.) *Xenophontis opera omnia*, vol. 1. Oxford: Clarendon, 1968.
 MERKELBACH, R.; WEST, M. L. (eds.) *Fragmenta Hesiodica*. Oxford: Clarendon, 1967.
 NAUCK, A. (ed.) *Tragicorum Graecorum fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1889.
 PAGE, D. L. (ed.) *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon, 1962.
 RADT, S. (ed.) *Tragicorum Graecorum fragmenta*, vols. 3-4. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977-1985.
 RENNIE, W. (ed.) *Demosthenis orationes*, vol. 3. Oxford: Clarendon, 1960.
 ROSE, V. (ed.) *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1886.
 SNELL, B.; MAHLER, H. (eds.) *Pindari carmina cum fragmentis*, pt. 1, 5.ed. Leipzig: Teubner, 1971.
 VOIGT, E. M. (ed.) *Sappho et Alcaeus. Fragmenta*. Amsterdã: Pollak & van Gennep, 1971.
 VON DER MÜHLL, P. (ed.) *Homeri Odyssea*. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962.
 WEST, M. L. (ed.) *Hesiod. Theogony*. Oxford: Clarendon, 1966.
 WEST, M. L. (ed.) *Aeschylis tragoediae cum incerti poetae Prometheus*. Stuttgart: Teubner, 1998.
 WEST, M. L. (ed.) *Homerus. Odyssea*. Berlim/Boston: De Gruyter, 2017.
 WILSON, N. G. (ed.) *Herodoti Historiae*. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 2015.

Bibliografia secundária:

- BARRETT, W. S. *Euripides: Hippolytos*. Oxford: Clarendon, 1964.
 BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek*. 2 vols. Leiden/Boston: Brill, 2010.
 CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric I: Sappho and Alcaeus*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

- CARSON, A. Wedding at Noon in Pindar's *Ninth Pythian*. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol. 23, n. 2, p. 121-28, 1982.
- CHANTRAINE, P. *La formation des noms en grec ancien*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1933.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- DGE – *Diccionario Griego-Español* (ed. F. R. ADRADOS. Madrid: Instituto de Lenguas y Culturas del Mediterráneo y Oriente Próximo, 2011. Disponível em: <<http://dge.cchs.csic.es/xdge/>>
- DICKEY, E. *Greek Forms of Address: From Herodotus to Lucian*. Oxford: Clarendon, 1996.
- FRAENKEL, E. *Aeschylus: Agamemnon*, vol. 2. Oxford: Clarendon, 1950.
- FRIEDRICH, P. Proto-Indo-European Kinship. *Ethnology*, vol. 5, n. 1, p. 1-36, 1966.
- FRISK, H. *Griechisches Etymologisches Wörterbuch*, vols. 1-2. Heidelberg: Winter, 1960-1970.
- GALTON, H. The Indo-European Kinship Terminology. *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 82, n. 1, p. 121-38, 1957.
- GATES, H. P. *The Kinship Terminology of Homeric Greek*. Suppl. to *International Journal of American Linguistics*, vol. 37, n. 4, 1971. (*non vidi*)
- GENTILI, B.; BERNARDINI, P. A.; CINGANO, E.; GIANNINI, P. *Pindaro: Le Pitiche*. Roma: Fondazione Lorenzo Valla / Arnoldo Mondadori, 1995.
- HAGUE, R. H. Ancient Greek Wedding Songs: The Tradition of Praise. *Journal of Folklore Research*, vol. 20, n. 2/3, p. 131-143, 1983.
- HETRICH, H. Indo-European Kinship Terminology in Linguistics and Anthropology. *Anthropological Linguistics*, vol. 27, n. 4, p. 453-480, 1985.
- LfgfE – Lexikon des frühgriechischen Epos* (ed. B. SNELL). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1955-2010.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon, 1996.
- LYGHOUNIS, M. G. Elementi tradizionali nella poesia nuziale greca. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, n. 27, p. 159-198, 1991.
- MAYRHOFER, M. *Etymologisches Wörterbuch des Altindoarischen*. 3 vols. Heidelberg: Winter, 1992-2001.
- MEDDA, E. *Eschilo: Agamennone. Edizione critica, traduzione e commento*, vol. 2. Roma: Bardi, 2017.
- MILLER, M. Greek Kinship Terminology. *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 73, p. 46-52, 1953.
- MYERS, M. Y. Footrace, Dance, and Desire: the χορός of Danaids in Pindar's *Pythian* 9. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*, Paper No. 120701, p. 1-21, 2007.
- OLSEN, B. A. Aspects of family structure among the Indo-Europeans. In: OLSEN, B. A.; OLANDER, T.; KRISTIANSEN, K. (eds.) *Tracing the Indo-Europeans: New evidence from archaeology and historical linguistics*. Oxford/Filadélfia: Oxbow Books, 2019.
- POWELL, J. E. *A lexicon to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1938.
- POWER, T. Sappho's Parachoral Monody. In: FOSTER, M.; KURKE, L.; WEISS, N. (eds.) *Genre in Archaic and Classical Greek Poetry: Theories and Models: Studies in Archaic and Classical Greek Song*, vol. 4. Leiden/Boston: Brill, 2020.
- PRAUSCELLO, L. Sappho's book of Epithalamia and P.Oxy.2294 = fr. 103 Voigt: a new proposal. In: ALEXANDROU, M.; CAREY, C.; D'ALESSIO, G. (eds.) *Song Regained. Greek epic and lyric fragments from the archaic to the imperial era*. Berlin/Nova York: De Gruyter, 2018. Disponível em: <<https://www.repository.cam.ac.uk/handle/1810/279123>>. Acesso em: 29/11/2020.
- RISCH, E. *Wortbildung der homerischen Sprache*. Berlin/Nova York: De Gruyter, 1974.

- RIX, H. *Lexikon der indogermanischen Verben. Die Wurzeln und ihre Primärstammbildungen*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 2001.
- SCHMITT, R. *Dichtung und Dichtersprache in indogermanischer Zeit*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967.
- SLATER, W. J. *Lexicon to Pindar*. Berlin: De Gruyter, 1969.
- SMYTH, H. W. *Greek Grammar*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1956.
- SVARLIEN, D. A. (trad.) *Odes. Pindar*. 1990. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=urn:cts:greekLit:tlg0033.tlg001.perseus-eng1:7>>. Acesso em: 10/02/2021.
- THOMPSON, W. E. Attic Kinship Terminology. *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 91, p. 110-113, 1971.
- VIREDAZ, R. Le nom du 'gendre' en indo-européen et en balto-slave. *Indogermanische Forschungen*, vol. 107, n. 1, p. 152-180, 2002.
- WODTKO, D. S.; IRSLINGER, B.; SCHNEIDER, C. *Nomina im Indogermanischen Lexikon*. Heidelberg: Winter, 2008.

Recebido: 12/5/2021

Aceito: 2/8/2021

Publicado: 9/8/2021

Rev. est. class., Campinas, SP, v.21, p. 1-24, e021006, 2021